



GGlibro
8/1/198
49

de Austin, Texas

A guerra e o Brasil

• Um incidente militar na fronteira fez com que a guerra civil colombiana entrasse esta semana na pauta de segurança nacional do Brasil, com uma prioridade que nunca tinha adquirido antes. No entanto, mais importante do que esse incidente e os protestos que ele gerou é o significado da batalha de Mitú, outra espetacular vitória de uma poderosa guerrilha, que ambiciona criar um território autônomo próximo à fronteira do Brasil.

Mitú não é um vilarejo qualquer, como tantos que são ocupados rotineiramente pelos guerrilheiros. Trata-se de uma cidade, capital de Vaupés, um Departamento (Estado) amazônico. As Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (Farc), maior grupo guerrilheiro do país, conquistaram Mitú em poucas horas, num arrasador ataque iniciado na madrugada de domingo, e a controlaram por três dias, derrotando repetidas investidas do Exército.

A localização de Mitú é importante porque indica uma expansão do território que as Farc consideram sob seu controle, estendendo-o até a fronteira brasileira, numa faixa de Cudinamarca até Vaupés, passando por Meta, Caquetá e Guaviare. Os líderes guerrilheiros já deram sinais claros de que querem aproveitar as negociações de paz, a se iniciarem neste fim de semana, para demandar o reconhecimento do seu controle territorial.

Não foi por acaso, portanto, que as Farc aproveitaram as vésperas do início do processo de paz para tomar a capital de Vaupés. Seus dois objetivos pareciam ser: aumentar o território em que têm presença mais forte e aprisionar o maior número possível de militares e policiais (já tinham 248 e levaram mais uns 50). Com isso, os guerrilheiros começam a negociar com o presidente Andrés Pastrana de uma posição mais forte para exigir território e a libertação de seus companheiros presos.

Pastrana já avisou que não há a menor hipótese de uma fragmentação do território da República, mas os guerrilheiros respondem que aceitariam algum tipo de autonomia limitada. Os críticos das negociações de paz argumentam que o país corre o perigo de entrar num processo de balcanização. E acham que a desmilitarização de cinco municípios exigida pelas Farc como condição para negociar pode significar o começo desse processo de fragmentação territorial.

Os cinco municípios, entregues ontem por 90 dias ao controle dos guerrilheiros, têm 43 mil quilômetros quadrados (o tamanho do estado do Rio de Janeiro) e ficam nos estados de Meta e Caquetá, parte da faixa de terra que as Farc alegam controlar. Para o Brasil e a Venezuela, não deixa de ser motivo de preocupação que a guerra e, principalmente, as reivindicações territoriais dos guerrilheiros colombianos estejam chegando às proximidades de suas fronteiras.

Mesmo que seja muito remota a possibilidade de as Farc estabelecerem o Estado socialista autônomo que dizem almejar com sua luta, essa ameaça já representa um inegável fator de instabilidade regional. Um problema a se somar ao narcotráfico, que, aliás, opera geralmente sob a proteção dos guerrilheiros. A Venezuela, que não tem a mania de segredo do Exército brasileiro a respeito dos problemas causados pelos rebeldes colombianos, anuncia que gastou US\$ 500 milhões no ano passado, em programas de defesa e ocupação de sua fronteira.

Soldados brasileiros já entraram em combate com guerrilheiros colombianos, mas

não se sabe muito sobre o assunto, tratado como segredo de Estado. Mesmo assim, o GLOBO revelou recentemente que soldados brasileiros tiveram contato este ano com guerrilheiros colombianos em território do Brasil. Anteriormente, houve notícias de que pelo menos três soldados brasileiros morreram em combate com as Farc.

A instabilidade da fronteira Norte só confirma a velha preocupação de que o principal eixo da segurança nacional, em termos de defesa e prevenção de conflitos externos, está mudando do Sul do país para a Amazônia. O ataque a Mitú representa uma impressionante demonstração de força da guerrilha. A imprensa colombiana estima que cerca de mil combatentes fortemente armados invadiram a cidade na madrugada de domingo passado.

Apesar de contar com armamento moderno, as Farc também usaram uma bomba artesanal, de alto poder destrutivo, fabricada com bujão de gás. Mais de 200 bombas desse tipo teriam sido usadas em Mitú, causando a destruição de quarteirões inteiros, além de grande parte das cerca das 150 mortes. Também tiveram efeito importante nas sucessivas derrotas do Exército ao tentar recuperar a cidade domingo, segunda e terça.

As investidas para tentar recuperar Mitú contaram com o apoio extra-oficial do Brasil: a base da FAB em Lauretê foi intensamente usada para o abastecimento de aviões e, principalmente, helicópteros colombianos de transporte de tropas. Sem a ajuda brasileira, os ataques do Exército colombiano teriam sido ainda mais tímidos, pois não há nenhuma outra base para reabastecimento nas redondezas.

Os colombianos foram para a base brasileira alegando oficialmente que precisavam da ajuda apenas para operações humanitárias, pois os helicópteros estavam recolhendo feridos. De repente, a atitude brasileira mudou e foi dado um ultimato para que a utilização da base de Lauretê se encerrasse às 18h de terça-feira. Além disso, Brasília mandou protesto formal pelo uso não autorizado da base em operação de guerra, chegando ao extremo de chamar para consultas o embaixador do Brasil em Bogotá, Marcos de Vicenzi.

O Governo colombiano garante que o prazo dado por Brasília foi cumprido com rigor. Justamente após as 18h de terça-feira começou o ataque final para a recuperação de Mitú. Foi a primeira operação noturna de guerra na selva que o Exército colombiano realizou, estreado equipamentos que permitem aos soldados ver no escuro. Mas a verdade é que Mitú foi mais uma vitória das Farc, que chegam mais fortes nas conversações de paz. E foi também um alerta para o Brasil sobre um conflito que está, perigosamente, mais próximo de sua fronteira — uma razão a mais para o Governo brasileiro torcer e, se possível, ajudar o processo de paz do presidente Pastrana.

ROSENAL CALMON ALVES é jornalista e professor catedrático na Universidade do Texas